

ABERTURA E CONTENÇÃO DA DERIVA DOS SENTIDOS NA RELAÇÃO CRIANÇA COM PROBLEMAS DE LINGUAGEM/TERAPEUTA. Maria Rosirene Lima Pereira, Lourenço Chacon – Fonoaudiologia – Departamento de Fonoaudiologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Em crianças que apresentam dificuldades de linguagem, freqüentemente essas dificuldades envolvem a estruturação de processos dialógicos na atividade enunciativa. Assim, a proposta de nossa pesquisa foi justamente investigar de que modo(s) os processos dialógicos (ou, mesmo, sua inexistência) se mostra(m) na atividade discursiva de crianças com alterações de linguagem. Dentre esses processos, nosso interesse mais específico foi verificar, como se dá o jogo entre abertura e contenção da deriva dos sentidos na relação criança/terapeuta.

Para tanto, nosso interesse neste trabalho foi pela atividade discursiva da relação terapêutica em si mesma, e em seus múltiplos aspectos, inclusive os de natureza mais conversacional. Trabalhos que enfocam o fundamento dialógico da linguagem, como os de Bakhtin (1979 e 2000), e, principalmente, trabalhos que, inspirados nesse princípio do funcionamento da linguagem, enfocam a heterogeneidade constitutiva e mostrada na atividade enunciativa forneceram nossos alicerces teóricos – em especial o trabalho de Authier-Revuz (1990).

Com base nas contribuições desses autores, se passarmos a ver a atividade enunciativa como a realização lingüística de enunciados marcados já por uma dialogia interna – além daquela que se estabelece na própria situação de enunciação –, não mais poderemos compreendê-la como uma organização linear da conversação ou da formulação dessa linearidade em seu aspecto reduzido. Diferentemente, poderíamos enxergar, nas variadas cenas de que se compõe a enunciação, marcas, mostradas no discurso, em sua forma lingüísticamente linear, do jogo que resulta dos vários papéis assumidos pelo *eu* e pelo *outro* no discurso.

Uma vez que a organização dos diferentes planos do dizer se mostra por meio de marcas lingüísticas, correspondentes a momentos de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do discurso, nessa perspectiva, as formas de organização dos diferentes planos do dizer seriam, portanto, um tipo de heterogeneidade mostrada, tal como caracterizada por Authier-Revuz (1990), no qual entrariam em jogo, mais diretamente, os diferentes papéis assumidos pelos interlocutores.

Ao propormos, então, o estudo de vínculos entre planos do dizer e diferentes papéis assumidos pelos interlocutores (ou mesmo a ausência desses vínculos) na atividade enunciativa de crianças com problemas de linguagem, acreditamos: (1) poder fornecer maiores informações sobre o processo de aquisição da linguagem, na medida em que nosso estudo pode chamar a atenção para aspectos do desempenho lingüístico de sujeitos com dificuldades de linguagem que têm sido deixados de lado na literatura; (2) poder contribuir para a compreensão das dificuldades que enfrentam as crianças em seu trabalho com aspectos dialógicos do dizer; (3) poder contribuir para a busca de explicações que permitam facilitar a prática terapêutica, bem como o convívio dos circunstantes e familiares de crianças com problemas de linguagem; (4) poder contribuir para um melhor intercâmbio entre as pesquisas de natureza fonoaudiológica e as de natureza lingüística sobre os chamados distúrbios da comunicação; e (5) poder, principalmente, fornecer subsídios para o trabalho que é desenvolvido com a linguagem em áreas do conhecimento como a Fonoaudiologia.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, foi realizada, no Centro de Estudos em Educação e Saúde da FFC/Unesp (o CEES), a filmagem de cinco sessões de terapia (com cerca de 40 minutos cada) da criança A e da criança J, que apresentam diagnóstico fonoaudiológico de distúrbio de linguagem, e que são atendidas individualmente por um estagiário na referida Clínica. Nas dez sessões, a estratégia verbal privilegiada foi a conversa espontânea mesclada com atividades lúdicas, para facilitar a interação criança/estagiário do CEES que a atende rotineiramente. As dez filmagens foram transcritas e revisadas de acordo com normas propostas em Pretti & Urbano (1988) para o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), que investiga o português falado. Quando a explicação de um dado verbal exigia seu vínculo com o contexto de terapia, fizemos, além da transcrição dos enunciados, também a descrição desse contexto.

Com relação aos resultados, de posse das transcrições, buscamos, primeiramente, classificar os planos dialógicos em que se desenvolveram as sessões de terapia com as crianças. Observamos,

então, três planos mais recorrentes nas sessões: (a) relação terapeuta-criança, que seria a relação principal estabelecida pela situação de enunciação, correspondente ao plano (1); (b) relação entre personagens desempenhadas pela terapeuta, pela criança e por objetos da situação principal, correspondente ao plano (2); e (c) relação entre personagens desempenhadas pela terapeuta, pela criança e por personagens externas à situação de enunciação, correspondente ao plano (3).

Organizamos os dados que recolhemos de cada sessão de terapia da criança A e da criança J, por meio de uma sequência de tabelas. A primeira tabela dessa sequência apresenta a quantidade de planos do dizer entre criança e terapeuta mobilizados em cada sessão; da segunda, terceira e quarta tabelas dessa sequência, consta a quantidade de deslocamentos de planos do dizer observada em cada sujeito; por fim, da quinta tabela, consta a quantidade de abertura e de contenção da deriva nos planos, bem como a quantidade de vezes que cada sujeito provocou os deslocamentos intraplanos. Seguem-se essas tabelas:

Tabela 01. Ocorrências de planos do dizer dos sujeitos A e T.

Planos do dizer	1ª sessão de terapia	2ª sessão de terapia	3ª sessão de terapia	4ª sessão de terapia	5ª sessão de terapia
Plano 1	038 (40,86%)	021 (19,63%)	031 (22,46%)	020 (55,55%)	017 (36,96%)
Plano 2	019 (20,43%)	045 (42,06%)	058 (42,03%)	014 (38,89%)	022 (47,83%)
Plano 3	018 (19,35%)	003 (2,08%)	-	-	-
Plano 1/2	001 (1,07%)	036 (33,64%)	049 (35,51%)	001 (2,78%)	007 (15,22%)
Plano 2/3	-	-	-	001 (2,78%)	-
Plano 1/3	005 (5,38%)	002 (1,87%)	-	-	-

* a mistura de planos será indicada pelos números envolvidos, separados por barras: 1/2; 2/3; 1/3.

Tabela 02. Deslocamentos de planos do dizer mobilizados pelos sujeitos (A e T).

Deslocamentos de planos	1ª sessão de terapia		2ª sessão de terapia	
	A	T	A	T
1→2	014 (35%)	003 (6%)	041 (77,36%)	008 (12,9%)
2→1	001 (2,5%)	022 (44%)	005 (9,43%)	052 (83,87%)
1→3	021 (52,5%)	-	003 (5,66%)	-
3→1	-	022 (44%)	-	-
2→3	004 (10%)	-	001 (1,89%)	-
3→2	-	003 (6%)	003 (5,66%)	002 (3,23%)
Total	040 (100%)	050 (100%)	053 (100%)	062 (100%)

Tabela 03. Deslocamentos de planos do dizer mobilizados pelos sujeitos (A e T).

Deslocamentos de planos	3ª sessão de terapia		4ª sessão de terapia	
	A	T	A	T
1→2	081 (97,59%)	011 (91,67%)	-	003 (3,37%)
2→1	002 (2,41%)	-	012 (92,31%)	086 (96,63%)
1→3	-	001 (8,33%)	-	-
3→1	-	-	001 (7,69%)	-
2→3	-	-	-	-
3→2	-	-	-	-
Total	083 (100%)	012 (100%)	013 (100%)	089 (100%)

Tabela 04. Deslocamentos de planos do dizer mobilizados pelos sujeitos (A e T).

Deslocamentos de planos	5ª sessão de terapia	
	A	T
1→2	001(4,76%)	001 (4,76%)
2→1	020 (95,24%)	020 (95,24%)
1→3	-	-
3→1	-	-
2→3	-	-
3→2	-	-
Total	021(100%)	021(100%)

Tabela 05. Ocorrência de abertura, contenção e deslocamentos nos planos provocados pelos sujeitos (A e T).

1ª sessão de terapia	Abertura da deriva		Contenção da deriva		Deslocamentos intraplanos	
	A	T	A	T	A	T
Planos do dizer						
Plano 1	001(2,86%)	-	001(16,67%)	040(97,56%)	002(4,88%)	040(86,96%)
Plano 2	010(28,57%)	005(100%)	005(83,33%)	001(2,44%)	015(36,58%)	006(13,04%)
Plano 3	024(68,57%)	-	-	-	024(58,54%)	-
Total	035(100%)	005(100%)	006(100%)	041(100%)	041(100%)	046(100%)

2ª sessão de terapia	Abertura da deriva		Contenção da deriva		Deslocamentos intraplanos	
	A	T	A	T	A	T
Planos do dizer						
Plano 1	018(24,66%)	001(11,11%)	001(33,33%)	071(93,42%)	019 (25%)	072(84,71%)
Plano 2	051(69,86%)	008(88,89%)	002(66,67%)	005 (6,58%)	053(69,74%)	013(15,29%)
Plano 3	004 (5,48%)	-	-	-	004 (5,26%)	-
Total	073 (100%)	009 (100%)	003 (100%)	076 (100%)	076 (100%)	085(100%)

3ª sessão de terapia	Abertura da deriva		Contenção da deriva		Deslocamentos intraplanos	
	A	T	A	T	A	T
Planos do dizer						
Plano 1	021(15,56%)	-	001(100%)	109(87,9%)	022(16,18%)	109(72,67%)
Plano 2	114(84,44%)	026(100%)	-	015(12,1%)	114(83,82%)	041(27,33%)
Plano 3	-	-	-	-	-	-
Total	135(100%)	026(100%)	001(100%)	124(100%)	136(100%)	150(100%)

4ª sessão de terapia	Abertura da deriva		Contenção da deriva		Deslocamentos intraplanos	
	A	T	A	T	A	T
Planos do dizer						
Plano 1	032(71,11%)	-	-	042(83,36%)	032(71,11%)	042(85,71%)
Plano 2	012(26,67%)	002(100%)	-	005(10,64%)	012(26,67%)	007(14,29%)
Plano 3	001(2,22%)	-	-	-	001(2,22%)	-
Total	045(100%)	002(100%)	-	047(100%)	045(100%)	049(100%)

5ª sessão de terapia	Abertura da deriva		Contenção da deriva		Deslocamentos intraplanos	
	A	T	A	T	A	T
Planos do dizer						
Plano 1	010(24,39%)	-	003(100%)	029(78,38%)	013(29,55%)	029(72,5%)
Plano 2	031(75,61%)	003(100%)	-	008(21,62%)	031(70,45%)	011(27,5%)
Plano 3	-	-	-	-	-	-
Total	041(100%)	003 (100%)	003(100%)	37(100%)	044(100%)	040(100%)

De acordo com essa organização dos resultados, em todas as sessões, pudemos levantar algumas tendências e propor hipóteses explicativas para elas.

Os resultados apontam para a existência de diferentes planos enunciativos tanto na criança A quanto na criança J. A abertura de sentidos é predominantemente produzida pelas crianças, embora, em menor grau, também possa ser propiciada pela terapeuta. Desse modo, observa-se, na relação entre a criança e a terapeuta, um recorrente jogo entre abertura e contenção da deriva do sentido, no qual a terapeuta, mesmo em seus momentos de abertura para a deriva, busca, a partir de informações trazidas pelas crianças, conter sua dispersão, estruturar ou descobrir, a partir das informações trazidas pelas crianças, quem seria o “outro” que é marcado em suas interlocuções.

No desenvolvimento das sessões de terapia, e juntamente com a classificação dos diferentes planos do dizer na enunciação da terapeuta e da criança, podemos considerar que a terapeuta seria estruturadora da organização discursiva dos sujeitos de nossa pesquisa, já que tenta fixar, em um dos planos (tanto o de contextualização, quanto o da atividade lúdica) a atividade dialógica que desenvolve com a criança. Trata-se, portanto, da organização dos planos discursivos, como a concebe Bakhtin para a atividade dialógica.

Destacou-se para nós o papel estruturador do terapeuta de linguagem na organização discursiva das crianças – independentemente do estatuto patológico que se venha (ou não) atribuir a essas crianças por parte de fonoaudiólogos, médicos, psicólogos etc. Observamos que as crianças têm alguma preferência em permanecer, cada uma à sua maneira, no plano de enunciação que melhor lhe convém. Para a criança A, o plano de enunciação preferencial seria o (2), enquanto que, para a criança J, a preferência seria pela introdução de contextos novos dentro do plano enunciativo (1) ou, ainda, a produção de mudanças dentro do plano (1) para narrar eventos. Podemos destacar que o papel estruturador da terapeuta parece mostrar-se com mais propriedade quando se pode observar, nas crianças, indícios de que, a despeito de uma condição patológica, ela própria, gradativamente, pode vir a estruturar, com maior ou menor dificuldade, sua atividade enunciativa.

Verificamos também que o predomínio dos planos teria correlação com a estratégia terapêutica, mas não se daria só em função desta, uma vez que a abertura de sentidos por parte das crianças e sua contenção por parte da terapeuta se explicaria pelo funcionamento de linguagem em que as crianças tendem a permanecer e pelo papel da terapeuta como organizadora e estruturadora do discurso dessas crianças. Desse modo, a partir das tendências observadas, vale destacar a importância de um bom embasamento em teorias lingüísticas para o exercício de tarefas que supõem esse papel estruturador, tais como aquelas que são desenvolvidas por fonoaudiólogos e por educadores, dentre outras.

Referências bibliográficas:

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.277-326.
- PRETTI, D. & URBANO, H. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1988.

Bolsa: CNPq/PIBIC